

DEPÓSITO LEGAL

Semanário de grandes reportagens



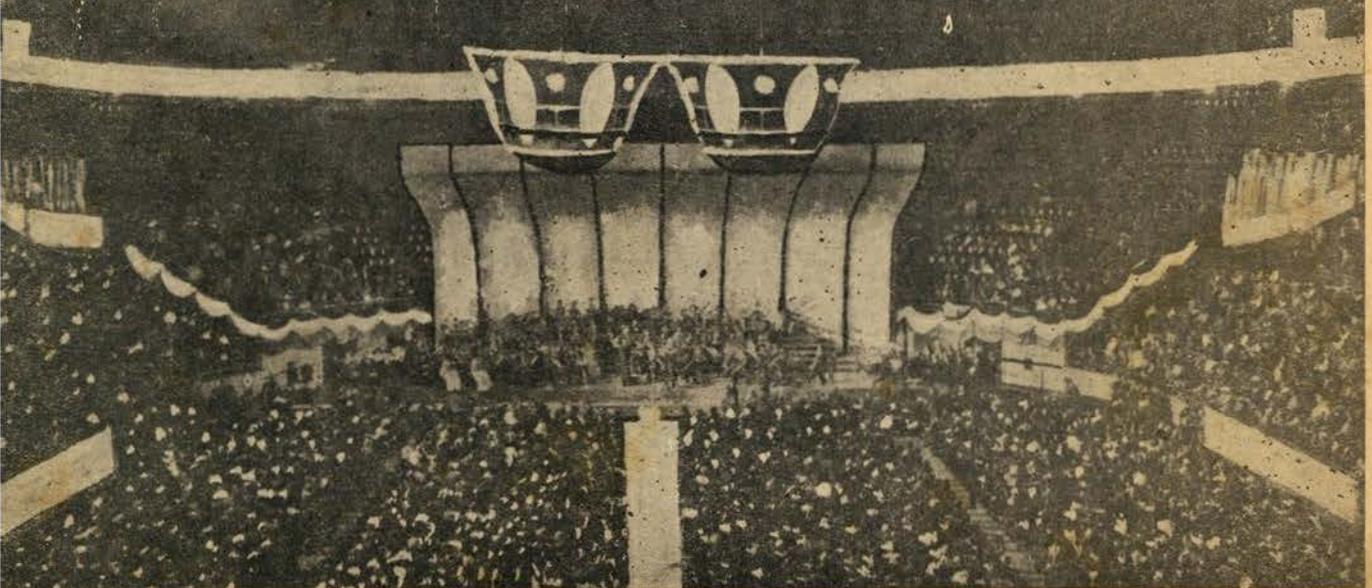
N. 20

1\$00 Esc.



Ler
neste número:

A
História
os Segredos
dos
«Cabarets»



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional—21,30—«Como se faz um homem»
Trindade—21,30—4.ª feira, 10. «The English Players»
Ginásio—21,30 «Deus lhe pague»
Variedades—20,45 e 2.45—Arroz Doce
Coliseu—Não há espectáculo
Apolo—Não há espectáculo
Maria Vitória—Não há espectáculo
Avenida—20,45 e 22,45 Pupas do Senhor Keitor

Cinemas

São Luiz—15 e 21 e 30.
Tivoli—15 e 21 e 30.

Condes—15 e 21 e 15.
Central—15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia—Das 15 e 30 às 0.
Capitólio—21.
Chiado Terrasse—15, e 21 e 15.
Odeon—15 e 30 e 21 e 30.
Lys—Das 11 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris—20 e 45.
Salão Portugal—15 e 21.
Palatino—21.
Palácio—21 e 15.
Europa—21.
Royal—15 e 21 e 15.
Eden-Cinema—(Rua do Alvito)—21.

Promotora—(L. rgo 20 de Abril, ao Calvário)—21.
Imperial—(Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário»—21.
Cine Oriente—(Penha de França).
Salão Ideal—(Loreto).
Cine Rossio—21.
Musical Cinema Parque—(Par. Mayer).
Pavilhão Português—(Par. Mayer)—21.
Max-Cine—(Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema—As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto—14 e 45 e 20 e 45
Bélgica Cinema—(Rua da Beneficência, ao Rêgo)—21.
Esplanada Vitória—(Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Paia—A's quartas e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SO NA



Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!



A «Aldeia dos Macacos»

PELO

ODAS as origens da raça pareciam coincidir, explicar, impor o dogma de que os portugueses possuísem uma imaginativa fecunda — como uma floresta tropical; variada — como um programa de music-hall; inquieta — como o azogue — e sobretudo fantástica, feérica, catadupando milhares de «mil e uma noites» a todas as horas. E' que, na composição do nosso sangue, no laboratório dos séculos, amalgamaram-se latinos e arabes — numa forte percentagem! — afirmam os entendidos. Ora a imaginação dos latinos atingia as proporções das suas grandezas aureas; a dos árabes era tão intensa, exuberante e vertiginosa que se assemelhava ao delírio da febre; creava até os jardins de Alah! Como se essas heranças, só por si, não garantissem ao português uma produção mental tão sumptuosa — e rica de inventiva — á prova de todos os esbanjamentos — vieram do Norte os que revelavam, só pela sua aventura, a excepção duma fantasia ardente — em paradoxo com as neves pátrias e que deviam completar a alquímia do nosso sangue.

E contudo o português degenerou... Passadas as eras de apoteótica imaginação, dinamo das descobertas e conquistas — esgotou-se o tesouro imenso e precioso... Ficou apenas uma inteligência seca, mecanica, ritmica, dum equilíbrio por vezes admirável — e outras afilivamente baço! Deem-lhe a ideia — por mui abastada ou complexa ou emaranhada que esteja: êle alcança a essência, a mecanisa, a assimila; e depois é capaz de fazer com essa ideia mil maravilhas, pô-la a sangrar em filões insuspeitados — mas sem nunca se deslocar do seu terreno, agarrando-a com avareza, temendo perdê-la ou separar-se — porque isso significaria o remate brusco da sua exploração.

Esse pobreza absoluta de fantasia, de imaginação creadora, que há muito se esboçou, assentando-se no século passado e tornando-se irremediável na nossa época — alastra-se em todos os campos — da literatura ao comércio; do teatro ao negócio de engraxadaria; das artes plásticas aos sorvetes; da poesia á

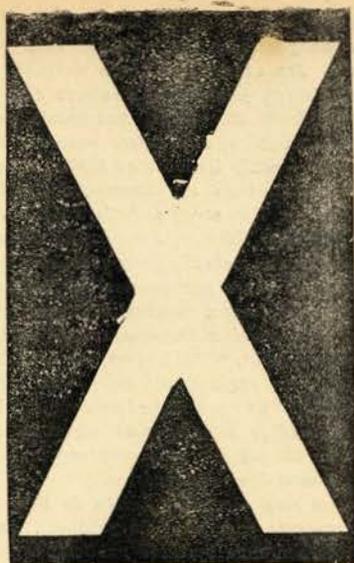
toilette das damas... Romancistas, dramaturgos, jornalistas, comerciantes, vendedores ambulantes, escultores, senhoras elegantes — são incapazes de fazer segregar da sua seca inventiva um género literário inédito, um assunto dramático, um estilo de reportagem, uma forma de atrair clientes ao seu negócio, um novo ritmo de linhas no mármore, um modelo de traje nunca visto... Mas eis que, por uma viagem a Paris ou Berlim, pela leitura dum jornal estrangeiro — alguém encontra uma ideia — ideia de outro, mas novinha em folha, fresca, ignorada — e applicando a indiscutível inteligência á exploração dessa ideia — adapta-a ao paiz, estonteia os seus concidadãos, — triunfa, em suma... Curto triunfo o seu! Dias depois dez macaqueadores copiam á pressa aquella novidade; um mez passado multiplicam-

A's 4 da manhã



Ela: — Ordinário, grosseiro!

Ele: — Não digas isso! Qual ordinário? Era até um finíssimo Porto... e de Honra!



Semanário de Grandes Reportagens

—na para cem, cada vez menos brilhante, mais banal, de resultados mais modestos — até o próprio iniciador se ver banalizado, arruinado, dando por mal gasto o esforço feito — o esforço que os outros estragaram, vandalisaram...

Não há dúvida! Esgotada a farta herança de imaginação que receberam — os portugueses transformaram isto — numa aldeia de macacos...

Não quero demorar muito a observação no terreno literário — não só porque é longo o estendal de exemplos recentes a focar, como também para que não se diga que estou lexiviando a roupa da família... em público! E' um lugar comum dizer-se que Camilo, o génio-sol — era impotente para tecer um assunto de romance; que Fialho, se arrelaxava ante a falta de elasticidade da sua fantasia — conseguindo-a destender apenas até ao conto ou á novela; que o próprio Eça, buscando corpos para envergar a sua prosa miraculada, tinha sempre de fitar primeiro plasticas alheias; e que o próprio Mandarim, a mais imaginativa das suas obras — como êle o confidencia, em preambulo, salta, inteiro, como duma boite á surprise de um diálogo de Monthier... Mas — os do século XX — não nasceram com maiores privilégios... De inicio, no romance — o romance «á moda do Minho» — dum regionalismo oleográfico, sentimental até á pieguice, todos feitos a papel químico uns sobre os outros — de olhos fixos — mas miupes — em Diniz, em Camilo, desactualizado, sem uma emoção nova, sem inventiva... Veio a guerra — a vida transformou-se um pouco; leram-se, em Portuga, os livros de Hoyos y Vinent e Filipe Trigo, os de Barbuss e os de Dekobra — e apoz uns anos de

digestão apareceram três géneros novos: o da guerra, o das audácias amorosas e o dos cabarets. E logo dezenas de escritores, julgando-se Pasteurs apoz a descoberta da vacina, vomitaram por três gargulas diferentes, centenas de obras — estilo Dekobra ou Filipe Trigo; estilo Barbuss ou Remarque; estilo Hoyos y Vinent ou Caballero Andez.

Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro — e poucos mais são excepções: não que fujam à regra por excesso de imaginação; mas tem a personalidade suficiente para quasi a dispensarem. A Selva, por exemplo, pode mesmo ser considerado uma orgia imaginativa — na exuberancia do seu interesse-novo, pela tratalidade simples mas vigorosa do entre choque dos seus personagens, pelo fausto dos seus cenários.

Um caso recente... Leitão de Barros organizara com um bom yankee... que devia ser, uma berrante publicidade em redor do seu filme — as «Pupilas»... Só traduções (dir-se-ia que Júlio Deniz escrevia em russo...) apareceram uns quatro; as montras das livrarias estoiram com volumes das «Pupilas» — «arranjo» de Fulano; «adaptado» por Cicrano, etc., etc. No teatro havia já uma peça com esse título... Houve quem pensasse em ressuscitá-la — pela oportunidade... E logo surgiram três — operetas, comédias — e não me surpreenderia se viessem também com «Pupilas» em farsa, em tragédia — e até... em revista...

E a propósito de revistas... Os industriais desse género tem o negócio lindamente montado. Formam sociedade; um de cada parceria vai todos os anos a Madrid e Paris — como as modistas — fazer fornecimentos de ideias. Uns, por serem mais hábeis, mais experimentados, conhecerem melhor os «mercados estrangeiros» — conseguem importar umas ideias mais vistosas, brilhantes, garridas — de êxito seguro. Outros, voltam de orelha murcha, com muita palhada, roupa velha, ideias gastas até ao tutano... Uns e outros põem-se ao trabalho... A revista dos espertalhões cola-se ao cartaz porque três ou quatro números (dos importados, já se vê) que agradaram em cheio. É sabido! Em todas as revistas dos «outros» e durante um ano ou dois, êsses números de êxito, com molhos diferentes, enroupados de formas várias, são infalíveis! Apareceu numa delas «A Família do Luna Parque» — papá, mamã, menino e compadre; depois disso já vi três famílias de «Luna-Parque» — uma vez a propósito da «Semana da Bondade», outra... a qualquer pretexto — papá, mamã, menino e compadre, a dizerem as mesmas chacotas, a procurarem a gargalhada com os mesmos truques!

Não vamos mais longe. Anunciei há tempos, uma peça-biográfica — «Camilo» — toda a vida do grande-desventurado de S. Miguel de Seide — hoje terminada e entregue... O teatro biográfico

não foi nenhum caminho marítimo que eu descobrisse! Há oito anos que está em triunfo, na Europa: o «Pasteurs», de Guitry, «Berlioz» de Maré, o «Dreyfus» do alemão Erick Meyer — etc. Mas era novo em Portugal — era a tal ideia! Tanto bastou para eu poder coleccionar, meses depois, oito notícias de outras tantas peças-biográficas — uma delas — creio — muito breve em cena!

Se nem sequer nos deixam em paz com os pseudónimos que criamos — nem mesmo com o nome que os padrinhos nos deram e os apelidos que herdamos! Desde que comecei a assinar «Reporter X» — (quando foi da campanha sobre Primo de Rivera) perdi a conta ao Reporter — Diabulos, Azues, Amarelos, Z, H, W, 12, 13, etc., que apareceram... Mas há mais — para cúmulo: um cavalleiro existe, que fez a promessa de ser escritor, jornalista, dramaturgo, etc., — custasse o que custasse — que não só me escamoteia o pseudónimo completo — «Reporter X» — como põe nos bilhetes... «Reynaldo Ferreira»...

E' o cúmulo da macaqueice!

Mas é em tudo... Lisboa foi a última capital da Europa a ter um serviço de

taxis — ao alcance de todas as bolsas... Um dia uma cooperativa organizou-o... Em dez anos — quantas centenas de empregos e empregários de taxis não surgiram? Houve uma época em que certo negociante pensou em montar duas ou três leitarias em estilo moderno, civilizado... Obteve êxito —; hoje existem em Lisboa 345 leitarias... dêsse género. Há quatro anos montaram, como há mais de 20 existe em Paris — o fabrico e a venda de esquimaux! Um negociarão! Logo no ano seguinte não sei quantos concorrentes! Veio a venda das sandwiches avulso, pelas ruas, a preços económicos. Dez marcas de sandwiches, vieram, em bicha, atraz da vitória que a primeira alcançara! E o caso dos vendedores de gravatas... E o de... Ah! Se fossemos a desfiar todo o rosário...

Sim! Aldeia de macacos — por pobreza de imaginação. Daí a super-abundancia de críticos que se nota em Portugal. Em Portugal não há quem crie; há só quem critique, porque para criticar não faz falta espírito inventivo, creador!

REPORTER X

A decadência das "esbeltas" — e o triunfo das gordas —

Um grupo de seis "girls" que pesa... 525 kilos



Dobres vaidosas que sacrificaram até a fome — até á anemia, para estar na moda da «magreza-elegante». Os americanos decretaram que, a partir de 1935 — a beleza estava nas formas rechonchudas e bem recheadas de gordura; e tanto assim que o empresario do «Star Teater» de Fidelity acaba de apresentar na revista — «The New-New», um grupo de seis «girls» formosíssimas, tendo a mais velha vinte anos, a mais nova desoito, a mais leve...setenta e nove kilos⁸ a mais pesada...noventa; e pesando em conjunto 525 kilos...Se pega a moda e elas comem, çam a valer o...que pesam — estamos bem arrançados.

As bruxas e os curandeiros das avenidas

As duas seitas unidas: curandeiros e bruxas

RARO é o dia em que as nossas mesas de redacção não sejam cravadas de cartas protestando e revelando novos casos de exploração ignóbil ao *espírito* ou ao *físico* dos incautos — incautos que, muitas vezes o são apenas por se encontrarem espiritual ou fisicamente apoucados por uma dor ou crise ou saudade ou conflito íntimo — ou por uma falha de saúde...; incautos que, no seu estado normal ter-se-iam rido, indignado — e sempre reagido contra todas as ciladas que lhe armassem... Referimo-nos á audaciosa *réprise* de bruxas e cartomantes, seitas que vivem em conjura permanente e que — após uma severa perseguição policial — se julgam esquecidas e regressam á faina mais activas e astuciosas do que nunca.

Falámos de... *espírito* e do *físico*, de bruxas e de curandeiros... Julgavamos que êsses charlatães formassem dois bandos independentes... Não senhor: entendem-se, completam-se, auxiliam-se mutuamente ou vivem associados... O doente que, por desanimo, se deixa arrastar ao covil do mago de todas as curas, vai sendo, durante o tratamento, seduzido pelas velhacas insinuações do charlatão — que fala constantemente de



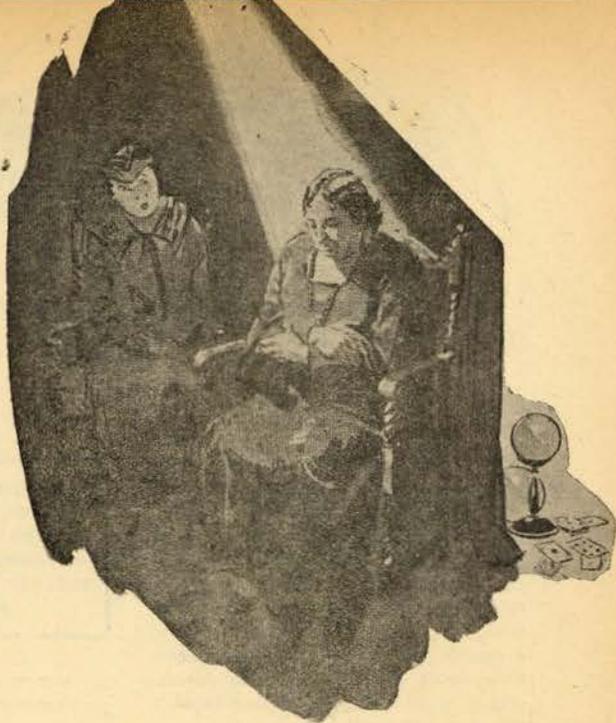
Possue uma brigada de curandeiros... «Misteriosos»

A allança entre bruxas e curandeiros. — A modernisação dos seus truques. — Na Avenida da República. — Processos fantasmagóricos de curar. — Na Avenida da Bôa-Vista, no Pôrto. — A exploração duma mãe que perdeu o filho. — O negócio das velas. — Como] se descobriu a trapaça.

um *fenómeno psíquico*, duma senhora do seu conhecimento com poderes sobrenaturais que tem alcançado prodígios com a sua especial T. S. F. com o Além — e que, por mais duma vez, na *clínica do mago*, tem intervido de forma a completar com os seus dons, *quasi divinos*, a obra da ciência dêste! Quando o curandeiro sente o enfermo cansado da exploração — dá o golpe final, oferece-se, como amigo a conduzi-lo a casa da tal dama de virtude, a tentar uma experiência! E quê? Uma experiência! Ele faz-lhe aquele favor — desinteressadamente! E o enfermo que, já se vê, não pode deixar de ser um ente impressionável, de fácil sugestão, enclavinando as mãos em todas as esperanças que lhe deem calma e bem-estar — lá vai! Saiu das garras do abutre — e ficou sob as da águia!

Mas *elas*, as bruxas, usam do mesmo sistema. Quando a charlatanice, a trapaça ameaça esterilizar-se e secar a carteira do cliente — trespassam-no para o curandeiro! «— Agora o que V. necessitava, depois de protegida, como está, graças ás minhas influências, era levantar-se fisicamente! Nada de médicos... Eu conheço alguém que... Não sei se está em Portugal... Chamam-no constantemente para tratar de grandes individualidades — e pagam-lhe fortunas! Não têm conta as curas, os milagres que êle tem conseguido! E' êle — no *físico* e eu no *psíquico*! Sendo um cliente meu — os preços são irrisórios — porque é muito meu amigo! Uma experiência — o que custa? Eu cá... não tenho interesse! E' só porque...»

Podíamos citar dezenas de casos idênticos.



—Lá está arder a cera que o seu filho pede do Ceul

Uma charlatanice cruel: — A trapaça das velas

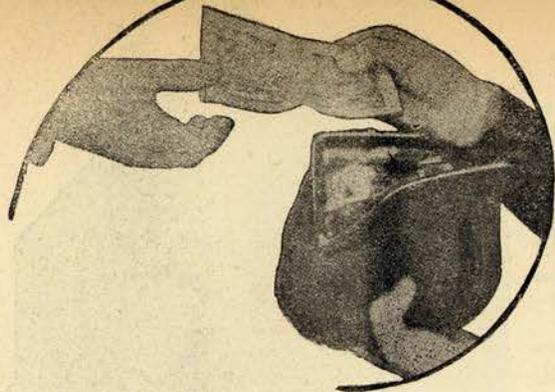
Antigamente êsses charlatães eram pessoas modestas, brancos aldeães, ignorantes só com astucia e que apenas conseguiam ludibriar ingénuos mais ignorantes do que êles. Agora não! Aristocratisam-se — e aristocratisam e clientela. Consta que existe na Avenida da Republica uma senhora, aureolada pela fama dos seus prodígios, que só recruta os incautos que a visitam — e lhe pagam principescamente — na boa-sociedade — que vive á larga e farta e que dispõe até de... auxiliares, curandeiros, que ela envia a casa dos seus clientes, para lhes tratar do *físico*, sobre a sua responsabilidade, quando êsses clientes adoecem... Mais: informam-nos que êsses curandeiros usam processos cinematográficos de se apresentar aos enfermos — para mais os impressionarem...

Mas êste assunto — está ainda mui frouxo de detalhes — e será focado mais tarde. Radiografemos agora outra *bruxa aristocrática*, outra *bruxa das avenidas* — cujas proezas não foram reveladas.

Pelo visto existe, na Avenida Boa Vista, no Porto uma dama que se dedica a bruxedos, com consultório montado numa esplendida vila, independente e apalaçada, e com longa bicha de clientes á porta.

Uma pobre senhora, que perdera um filho que muito amava — deixou-se seduzir pelas lendas que afamavam esta bruxa e foi consultá-la. No primeiro dia pouco adiantou — não levando nada... pelo serviço — mandando-a vir no dia seguinte depois de habilmente investigar quem era e onde vivia. No dia

(Continua na pág. 14)



Um segredo da Rua da Glória

Uma novela de amor em... Angola.
— Uma mala com diamantes e um cavalheiro respeitável. — Uma desventurada como há tantas...

A mão estendeu-se para a nota...

FOI em frente dum café fumegante do «Nicola» — homónimo daquele café lendário, onde se diz que Bocache — o dos santos eternos — compôs as mais engraçadas sátiras e os mais burilados versos, que o Dr. A. de F. — médico dos mais ilustres e conhecidos de Lisboa, a cuja mesa eu me sentara, depois de me falar sobre mil e um assuntos — desde a atitude bélica da Alemanha, à história daquela mulher idosa e rica que escamoteou um jovem inexperiente, me disse, num sorriso a roçar pelo mistério: — Quere um assunto palpitante para o seu jornal?

Ironista impenitente, julguei que a oferta do Dr. A. de F... fôsse mais uma das suas muitas «blagues».

Mas êle, como se lêsse, estereotipada em mim, aquela dúvida, apressou-se a desfazê-la: — Não julgue que é brincadeira; o assunto é real e presta-se a uma interessante reportagem. Não duvide e venha daí, para ouvir com seus ouvidos. — E dizendo isto o Dr. A. de F..., puxou-me por um braço e pagando a conta, saímos.

Senti a borboleta vermelha da curiosidade a espicaçar-me os nervos, e para lhe arrancar mais algumas palavras, que pudessem levantar mesmo de leve, uma ponta do véu com que êle cobria aquele mistério, interoguei: — Onde vamos, é perto?

O Dr. A. de F... tranquilizou-me: — Sim; fica aqui mesmo na rua da Glória.

E como se quizesse ainda intrigar-me mais com a sua história, fechou-se num hermético silêncio, que suporrei apenas até à porta da «Chic».

Não podia por mais tempo refriar aquela curiosidade que me mordida os sentidos e me amachucava os nervos: — Mas diga-me, Dr.: de que se trata? O que é essa história, que o meu amigo envolve num mistério impenetrável, e a quem o rictus da sua boca, polvilha dum névoa, que me lembra coisas tétricas?

O médico sorriu e respondeu, silabando as palavras, — martelando-as entre os dentes, — para que eu melhor ouvisse: — Descance que não tem nada de tétrico. É uma história como há muitas! uma história padrão daquelas que todos os dias se «representam» na capi-

A reportagem que o nosso colaborador, Gonçalves Preto, publica hoje possui, além do seu interesse novelesco — o valor da sua autenticidade absoluta e do aviso que lança.

tal, sem que ninguém as conheça, e que permanecem anónimas se multipliquem embora se avolumem e cresçam.

Digo-lhe, somente, que mete diamantes, «traficantes de carne branca», e...

Mas não; ela, a própria protagonista deste caso real, lhe contará a sua história — repetir-lhe-á, aquilo que ante-ontem me contou quando fui chamado a prestar-lhe os meus serviços clínicos...

Parámos em frente dum prédio, na Rua da Glória, e o Dr. A. de F... apontando-mo, disse: — É aqui!

Subimos os dois lances de escada, e logo uma porta se abriu à nossa frente.

— Ah! é o Dr., fêz uma voz, maternalmente suspeita. O meu amigo pediu licença para mais um; ela abriu a porta duma casita estreita, onde meus olhos puderam descobrir um rosto de mulher, destacado na roupa branca da cama.

Ficámos sós; os três. E o Dr. A. de F... pediu-lhe então que me «contasse tudo» — tudo aquilo que já lhe havia contado.

E ela principiou então narrando.

A mala dos diamantes

Maria da Graça era natural de Angola. O pai fôra para lá muito novo e por lá ficara como professor primário. A mãe morrera cedo — tinha ela dois anos — e crescerá sem um afecto, sem nada.

O professor mantinha em casa, a mesma disciplina do colégio — uma disciplina feroz, de antigo mestre-escola.

Aos dezanove anos deixara-se perder de amores por um «chauffeur» — tipo boçal de cínico de filme, que a rondara durante muito tempo, como general que pretende violar uma praça forte.

E o pai um dia descobrindo... a «verdade pusera-a fora de casa, abandonando-a ao seu próprio destino.

Foi para a companhia do amante e com êle vivera durante quatro mezes.

Mas êle modificara-se logo aos primeiros dias. Talvez para ver-se livre dela, — para fugir ao encargo, que por si mesmo arranjava, — encheu-a de maus tratos e nodos arroxeadas. Um dia chegara até a puxar-lhe uma pistola.

Foi então que resolveu vender as suas joias, e vir até a metrópole, onde tinha um irmão — empregado numa casa bancária de Lisboa.

Em viagem, conheceu uma senhora de idade, com ares de pessoa séria — a sr.^a D. Luiza — que logo lhe pormetera uma ajuda desinteressada, e casa na capital.

E em troca pediu-lhe a senhora um pequenino favor: levar-lhe uma malita de mão semelhante a duas que de Angola trazia como encomenda e não queria confiá-la aos bagageiros, — não fôsem elas perder-se...

Assim ficou combinado. Mas, ao saltar, no Cais de Santa Apolónia, o fisco verificou que a mala conduzida pela Maria da Graça, possuía um fundo falso e dentro dele se ocultam uma porção avultada de diamantes de Angola!

Maria da Graça foi presa. Mas facilmente pode comprovar que a mala não era sua — que lhe fôra confiada pela sr.^a D. Luiza — a tal que tinha aparência de senhora boa e séria... E soltaram-na. Mas...

Maria da Graça foi hospedar-se numa pensão barata — ali para os lados do Rato.

Contava com o auxílio do irmão — o que era empregado numa casa bancária — e todos os dias calcurriou da Pensão para o Banco — para conseguir falar-lhe.

Até que um dia um porteiro veio participar-lhe que o sr. Mário lhe mandara dizer, que não podia atendê-la, nem tinha nenhuma irmã...

Viu-se abandonada e com pensão por pagar.

Ameaçada pela dona da pensão com o Torel, se não pagasse a conta que já lhe devia, Maria da Graça confiou a sua odisseia a um senhor com aspecto de «cavalheiro respeitável» — o sr. Luís de Moura (maquilage debaixo do qual oculto o nome verdadeiro dêsse profissional da escravatura).

Generoso e bom, o «cavalheiro respei-

(Continua na pág. 14)

Desapareceu um documento de grande valor historico da Torre do Tombo

Onde está e quem escamoteou o auto do juramento de D. Miguel?

COMO tem acontecido a várias preciosidades artisticas, obras de mestres consagrados, que audaciosos os larápios, usando dos mais ardilosos estratagemas, conseguem surripiar dos museus onde se encontram, a despeito de aturada vigilancia dos guardas encarregados de obstar a esses furtos — um documento de alto valor historico foi escamoteado dos nossos arquivos.

Não há muitos anos ainda, desapareceu do Museu do Louvre o célebre quadro — obra-prima de Leonardo de Vinci, a *Gioconda*, essa figura de sorriso enigmático a flutuar nos lábios finos de italiana. Essa maravilha da pintura não se podia esconder num qualquer recanto duma casa de antiquário, á espera que um coleccionador rico a fôsse buscar por uma soma fabulosa.

Os nossos museus estão livres de sofrer os ataques de qualquer quadrilha porque os objectos que encerram não só não tentam os larápios pela seu valor quantioso mas também porque o seu número é insignificante, sendo a sua falta rápida e fácilmente descoberta. E mesmo assim não seria caso inédito — qualquer escamoteação desse género em Portugal. Já expliquei uma vez aos leitores do «X» como esteve para desaparecer a célebre *Bíblia* da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Quando da estada dos franceses de Junot em Lisboa, foi vítima da rapina dos invasores, a celebrada *Bíblia dos Jerónimos*, precioso exemplar semeado de ricas iluminuras, legado por D. Manuel aos frades do convento que mandara edificar, comemorando o descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Esse raríssimo livro, foi entregue pelos frades ao ajudante de campo do general Carrion de Nisas.

Assinada a célebre Convenção de Cintra, na qual se concederam aos invasores todas as honras para vergonha nossa, com as pratas que dos altares foram levantadas, os paramentos de ouro das igrejas, as alfaias do culto divino, os ornamentos das imagens, caixas e caixas carregadas de valiosos objectos, tesouros a Monte Cristo, levaram também esse exemplar que são «oyto livros

Os ladrões de bibliotecas e meseus. — Varios episodios

da Brybia que foram a Belem com suas guarnições por inteiro soamente a hum delles faltava huma brocha de latim em pergaminho, de letra de mãos em luminados douro, cobertos de veludo cremesym guarnecidos de prata dourada e anayllada e com oyto cantos em cada hum e com quatro feyuellas com sua charneiras com que sabrocham e oyto boulhões e dous escudos darmas em cada hum, tudo de prata e os boulhões soamente tem hum delles e tdolos os outros e totalas as outras peças hum destes livros é cuberto de veludo azul que se chama «Mestre das Sentenças» e tem hum letreiro de prata e diz na recepta de Pedro de Carvalho, que pesou toda a dita guarnição dos sete livros destes oyto que estavam cubertos de veludo cremesym quarenta e cinco marcos seis onças, seis oytavas que Rui Leite não nos descreveu nem os frades de Belem e que foram dado a elles».

Há poucos dias os jornais noticiavam que um empregado da Biblioteca Nacional oferecera á venda a um alfarrabista de Lisboa um documento em pergaminho datado do século XII, documento raro e de muito valor.

Há cerca de dois meses, o illustre historiador e meu muito querido amigo sr. Rocha Martins, encarregou-me de procurar no «Arquivo Nacional da Torre do Tombo» o exemplar do auto de juramento de D. Miguel á Carta Constitucional. Auxiliado pela amabilidade e boa vontade do director daquele estabelecimento, o sr. dr. António Baião, percorri os catálogos daquele arquivo não conseguindo descobrir o paradeiro de tal documento.

Quem o teria escamoteado? A quem interessaria o desaparecimento desse Auto?

Perante estas perguntas que á primeira vista se podem afigurar sem resposta, julgámos que não seria de todo impossível farejar uma pista que nos levasse á decifração do enigma?



D. Miguel

Aquele documento existindo nos arquivos do Estado — como existia — prova-se! — poderia comprometer alguma causa política ainda latente em espiritos que no século XX não se podem considerar muito esclarecidos. Os partidários do sistema politico de D. Miguel, sabendo que o seu chefe tinha jurado aos santos evangelhos que respeitaria a Carta Constitucional, logo que se apanhou rei deste paiz, renegou o juramento que tinha feito, perante as Côrtes. Se de facto êses documento não desapareceu, porque razão não se encontra mencionando no catálogo? Não se pode dizer que foram os franceses que o levaram quando foram obrigados a evacuar Portugal — porque os franceses invadiram Portugal anos antes de D. Miguel fazer das suas!. Também se sabe que não foi o próprio D. Miguel que após a derrota de Asseisseira, capitulando em Evoramonte, o levou para o exílio de Viena de Austria.

A pergunta, no entanto fica feita: ONDE PARA O AUTO DE JURAMENTO DE D. MIGUEL A CARTA CONSTITUCIONAL, PRESTADO NO PALACIO DA AJUDA EM 26 DE FEVEREIRO DE 1828?

OLIVEIRA ABRANTES

P. S. — Há anos que se bichanava por aí o desaparecimento desse documento — e correspondente lapso do seu registo nos catálogos de certa época — lapso que não é, visto que coincide... As acusações que se teem feito nesse longo periodo — são demasiado graves, para que, mesmo na trincheira duma insinuação discreta as reproduzamos. Deixemos o assunto na interrogação pseudo-ingenueira com que o nosso colaborador Oliveira Abrantes (ingénueo êle!) remata o seu artigo. — N. da R.



Quem era aquele alto funcionario consular cujo rosto...

«A Mêsca de Ouro» e «A Mêsca de Prata»

Continuação do número anterior

PELA primeira vez, desde que caíra — ou melhor: me tinham atirado para o oceano revoltado daquela aventura desconcertante — senti a noção do irremediável; sofri um pressentimento pior do que o da morte — que já me espreitara: o de substituir um criminoso, o de calcurrear todo o calvário dos inocentes. A minha sensibilidade de homem de bem arrepiava-se ante essa expectativa — mais dolorosamente do que ante a certeza de receber uma bala dum bandido, ao voltar duma esquina. Todos os olhares daqueles polícias se fixavam em mim, me picavam, como agulhas! Para eles — eu era o último dos facinoras! Não os conhecia (a não ser Mr. Dyson) mas só a ideia de ser julgado como tal — horrorizava-me!

Pouco a pouco fui deixando de pensar — mas não de me torturar! Dir-se-ia que cegara — ou melhor: que adormecera e resvalava em pesadelo. Despertei quando me batiam num ombro. Ergui a cabeça. Era o sargento Dyson:

«— Vamos conversar um pouco...»

Segui-o — com sunambulismo. Julgava eu que ficaríamos sózinhos os dois; e como me recordava dos bons modos



Difficilmente se reconhecia o aviator

com que êle me tratara, no remate da entrevista do hotel — sorridente, amável, gentil... Esquecia-me que eu, no hotel, nessa ocasião era eu! Agora — indiscutivelmente, até provar o contrário — era... o outro!

Entrámos num cubículo — e nesse cubículo estavam amarrados num cacho — e em mangas de camisa — como se fôsse o pino do verão três outros indivíduos. Foi por isso que o meu amor próprio me dominara — para não recuar — ante tal surpresa — tal era o ar feroz como êles me aguardavam.

Não recuei — mas também não avancei: estaquei...

«— Vamos! ordenou Dayson.

Curvei protocolarmente a cabeça — ainda numa esperança que êste gesto de boa educação os amansasse dei uns passos. Dyson fechou a porta, sentou-se num ângulo da secretária, por detrás da qual os outros polícias se amolhavam, e com o ar mais seráfico dêste mundo indagou:

«— Já estás convencido, não é verdade, que não podes negar que és Yvan? Reagi:

«— Nego! Nego! Fui vítima duma cilada! Sou jornalista e curioso, portanto! Já que o Destino me metera neste embroglio — ambicionava ir até ao fim! O outro que está no hotel não sou eu!

Como se estivessem ensaiados — os quatro gargalharam em coro:

«— A polícia francesa já nos informou bem sobre as tuas habilidades! — insinuou o mais velho da brigada, um quadrado humano de cabelos eriçados e olhos felinos. — Sabemos que tens artes para enganar os mais atentos! Mas nós — não! Primeiro — não somos de qualidade; depois — porque (repito!) estamos prevenidos!

«— Por amor de Deus, Mr. Dyson! — atalhei — dirigindo-me ao sargento. — O sr. já falou comigo. Não me conhece? Por muito semelhantes que sejam dois indivíduos, dois zosias, dois gemeos —

há sempre algo que os distingue: um sinal, um diferente de gordura ou de estatura, o metal da voz! Ao senhor — um detective — não devem passar despercebidos êsses pormenores...

Dyson fita-me; parece escutar, apurar o ouvido — embora eu esteja já calado; o seu rosto suaviza-se um pouco... Recorda-se de mim; é indiscutível que hesita; que existe uma dúvida no seu esgleza — péssima — e... especial — deve tê-lo impressionado pela semelhança com a outra... Mas um outro colega se ergue piparoteando o chapéu para a nuca:

«— My boy! Já te disseram que não tentes burlar-nos que é escusado! Que existe um jornalista espanhol — português, italiano, ou lá o que é, que parece o teu retrato — já sabemos. Mas êsse está tão ligado à Mêsca de Ouro como eu! Pobre rapaz! Valente susto êle apanhou! E além disso — já está a dormir no hotel — no Regent-Palace! Tu... és tu!

«— Pois claro! — bradou o terceiro, erguendo-se também, de polegares acolchetados nas cavas do colete e vindo atirar-me o fumo do cachimbo para as minhas narinas. — o que nós queremos saber é o que se passa com Cristovão Colombo...

«— E com Miguel Cervantes...

«— Por amor de Deus! protestei. Estão chacoteando comigo! O que eu sei de Colombo e de Cervantes — é o que toda a gente sabe: o primeiro descobriu a América — o segundo escreveu D. Quixote...

«— Que graça! Que inocência! E o rapto do aviator Smith... E a entrada da esquadra... columbiana em Liverpool?

«— Basta de equívocos! — gritei, epilético de indignação! Deixem-me falar! Às 6 horas da tarde recebi um convite para uma entrevista num teatro. Aceitei-o. A meio do espectáculo chamaram-me. Entrei num auto onde estava um oficial de marinha estrangeiro,

que me obrigou a aquietar-me, de pistola nas mãos. O auto foi assaltado — e eu raptado para outro. Foi no segundo auto que a polícia me prendeu. Esta é verdade!

Entreolharam-se. Dyson mantinha-se silencioso, observando-me. Era o único que confiava em mim — palpitou-me.

Mas logo o tal «quadrado humano», stilhaçou o ambiente que se estabelecera:

«— Está bem urdida a história! Teatro! Pistola! Dois automóveis e raptos! — difícil é provar...

«— Provo-o! berrei então. E tirando do bolso a carta que recebera e o recorte do bilhete do teatro entreguei-lhes. Os quatro debruçaram-se sobre êles, sofregamente. A hesitação tornou-se geral — menos — no birrento «quadrado humano»...

«— São afamados os truques de que Yvan, se serve, para ludibriar a polícia. Mas nós...

Interrompi-o — violento:

«— Nesse caso — nego-me a responder...

«— Devagar... Vamos a ver! Como pode V. provar que não é Yvan?

«— Provando que... sou eu!

«— Optimo! E como?

«— Simples... Juntam-nos os dois! Yvan, segundo li, é polaco e apenas sabe falar o espanhol, não o português. Sou suficientemente conhecido — para que um funcionário do Consulado ou la Embaixada de Portugal saiba de quem se trata! Chamem alguém do Consulado! Façam falar português — a mim — ao outro eu que está no hotel! É o assistente para se saber qualquer dos dois — o português, qual dos dois... é... eu!

Houve um concilíabulo. Mandaram-me deitar. Dyson, ao despedir-se, sorriu-se. Êle acreditou em mim...

O funcionario consular

No dia seguinte, às dez horas metem-me num auto — levaram-me ao Regent-Palace-Hotel. Subimos... ao meu quarto... Quando a porta se abriu — e o outro eu surgiu, envergando um roupão — fitámo-nos longamente. De facto — êle... era eu! A semelhança entontecia o mais prevenido. Mandou-nos entrar. Convidou-nos a sentar. Circunvaguei a vista. As minhas malas estavam abertas, mechidas, vasculhadas. Nada quis dizer... Mantivemo-nos em silêncio — os quatro detectives, o outro e eu! As onze o *chasseur* veio anunciar a chegada «dum senhor do consulado de Portugal». Rejubilei! Uff! Estava para terminar aquela situação aflitiva!

Apareceu um sujeito ajanotado, extremamente moreno — que se dirigiu, em inglês, aos detectives:

«— Quem é o chefe da brigada?

«— Eu, sr. Consul! — disse Dyson.

«— Não! Não sou o consul. S. Excelência — não pode vir. Vim eu — funcionário superior do consulado: Ivan Gonzalez... Já me disseram do que se tratava...

«— Neses caso, sr... funcionário do consulado, peço-lhe que converse com êstes dois senhores... a ver qual dos dois é — ou sabe falar português. O assunto é gravíssimo!

O sujeito moreno preferiu-me — como estreia sorriu-se e fez um gesto — como que convidando-me a falar:

«— V. Ex.^a deve conhecer-me de nome! Sou Fulano, do jornal... Z; vim a Londres em reportagem e ...

Fui interrompido. O tal sujeito começou a falar-me — mas num idioma que nem era português, nem inglês; um idioma que eu ignorava:

«— Perdão! Eu não entendo o que o senhor — intentei eu...

Cortou-me logo a palavra — prosseguindo-me numa algarviada indicifrável — de sobrôlho franzido, o rosto ríspido...

«— Mas... o senhor... é português? indaguei — Porque não me responde no nosso idioma.

A guerra! Sempre a guerra!
É feita por calculo, como
negocio...



E êle, sem fazer caso — dirigiu-se ao outro — ao *outro-eu*, expressando-se no mesmo idioma em que se me dirigira. E o outro — o *outro-eu*, muito calmo, contestou-lhe. Assim estiveram dialogando uns cinco minutos — uma língua que tanto podia ser a china como a persa... Eu mal me continha, cambaleante... Os polícias — o próprio Dyson vigiavam, de olhos dilatados, a cena...

Súbito — calaram-se.

«— Então sr. Consul... perdão, funcionário do consulado... — interveio Dyson. Qual dos dois...!

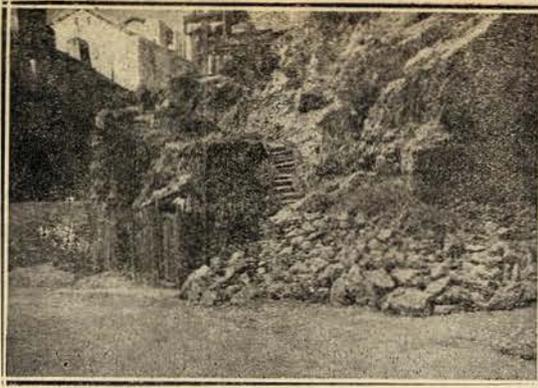
O *gentleman* moreno, sorriu-se com um ar superior, encolheu os ombros, e sem vacilar — declarou:

«— Mas que dúvida! *Aquele* (e apontou para o outro — para o *outro-eu*) fala português... como qualquer português. *Este* (indicou-me) não conseguiu tecer uma única frase... Tentou enganar-nos — como se isso fôsse possível! — com uma mixórdia de espanhol e francez! Sem dúvida! *Este* (eu!) será tudo: italiano, romãoico, grego, espanhol (e mesmo espanhol... não sei) menos português!

REPORTER X
(Continua no próximo número).



Os detectives atentos vigiavam-nos



Uma «Surpresa» do «Bairro America»

○ Bairro América — entre o Caminho de Ferro e Almirante Reis — lembra pela sua excelente vista panorâmica — com o Tejo a correr-lhe aos pés — um pouco da Costa do Sol. Compõe-se, exclusivamente, de casas de acentuado cunho moderno, de moradias elegantes e distintas com jardins floridos e altas casas para habitações, cheias de bom gosto nas fachadas e higiénicas por dentro. O antigo proprietário deste bairro ao fazer os obrigatórios arruamentos quiz — por avaréza ou economia — pôr o maior *senão* de toda a vida do burgo. Empregando pessimo material e pior mão de obra, tornou as ruas do Bairro-América quasi intransitáveis. A Rua Washington — o centro, o coração de todo o transito entre Almirante Reis e os Caminhos de Ferro é um autentico atentado de lesa-higiene e segurança individual. As covas profundíssimas fazem com que os veículos estraguem as canalizações dos prédios, com desespero dos seus habitantes. Mas há mais, para cúmulo. A meio da Rua existe um dispensário anti-tuberculoso, sempre repleto dessa infeliz gente que procura ali o remédio do seu mal. Pois bem. A Rua Washington — e com ela todas as ruas do bairro — inteiramente em macdame — levanta nuvens de poeira — já pelos automóveis, já pela incessante brisa do mar — que transforma em nulo todo o esforço do dispensário da A. N. T. se não agrava mais

ainda os padecimentos de quem lá vai.

Nas covas toda a gente deita o entulho que sobra das obras mais ou menos permanentes, atendendo ao muito que ainda se há-de prolongar o bairro, sem que ninguém impeça uma barbaridade destas, que transforma as ruas em armazens de lixo.

Não se trata de informações espontaneas — que possivelmente poderiam ser tomadas em conta de exagero — mas de observações directas colhidas «sur-place» e documentadas pelas fotografias que ilustram esta página.

A Camara Municipal a quem compete — julgamos — a conservação dos arruamentos deve voltar a sua vista para o Bairro América e providenciar rapidamente de maneira que tudo seja calçado — como deve de ser — de forma

a que a higiene e a segurança individual sejam mantidas.

Não faz sentido que ruas sem movimento e distantes do centro da cidade, sejam cuidadas e arranjadas e o Bairro América, a dois passos da Baixa e com transito numeroso, seja esquecido ou ignorado.

Na Camara Municipal de Lisboa — descancem os moradores do bairro, que nos escreveram — há boas vontades e desejo de bem servir os olissiponenses.

Nós lançamos o apêlo, Se formos atendidos nada nos deverão os habitantes do Bairro América.

É nosso dever estar atentos para dar os *alarmes*, quando é necessário...

O orgulho que sentiremos, em ter sido úteis, vale por tudo.

S. B.



O Sahará do Lixo...



Quereis
dinheiro?
JOGAI NO

Lama

R. do Amparo, 51
LISBOA

Sempre sortes grandes

Os segrêdos, a história

e a decadência

dos «cabarets» e «dancings»

Desde o «Crostis» do século XV
até aos «caveaux» russos

UM sujeito loiro, de nariz que seria romano se não fôsse achatado no extremo, com as narinas em triângulo coladas, quasi, ao lábio superior; um dêsse dandes, que mesmo com a roupa no fio conservam uma elegância e um porte artificialmente distintos — e que pertencem à imensa fauna dos «conhecidos de velha data» — de quem ignoramos a vida, a profissão — e até o nome... — proclamava ontem, em alto som e exuberante cinismo:

— «Deus permita que venha uma guerra — uma guerra a valer! A gente, em Portugal, não se governa com a paz! De que me serviu ter amealhado uns patacos de 1914 a 1918, de ter arriscado êsses patacos em empresas civilizadas que nivelavam êste país à Europa? Voltou a paz, a pelintrice, a modorra, as chinelas e o barrete de dormir — e lá foi tudo quanto ganhei... Hoje... estou nisto!»

— «Negociaste em açúcar ou em lenha, durante a guerra?» — inquiriu um companheiro.

— «Parvo! Bem sabes que fui quem ensinou Lisboa — o país — a divertir-se com decência — à maneira dos brancos! As maiores iniciativas de *cabaret* e *dancing* de Portugal pertencem-me! Se não fôsse eu os que enriqueciam com a guerra — teriam de ir lá fora, para se divertir! Depois — voltou tudo à mesma sornice!»

Então decifrámos quem era aquele «velho conhecido — desconhecido...» Fôra também um *proviteur* — à sua maneira. Aventureiro, hábil, bem falante, viajado — espreitara a oportunidade da guerra para que Portugal conhecesse o que era um *cabaret*.

Em Portugal

Os moralões de todas as idades, aqueles que torcem o nariz à alegria, como a um pecado; que vêem em quasi todos os divertimentos — não uma higiene de espírito ou um prêmio pelo esforço e pelo trabalho que permitiram ao indivíduo ganhar o dinheiro suficiente para se anestesiar do «dia à dia» pela distração... sem toxinas — reputam os *cabarets*, os *dancings*, antros de perdição, sucursaes na terra do Grande Armazem de Satanaz — e, sobretudo, uma invenção recente, uma prova berrante da degradação a que a vida moderna conduz

Os velhos bailes de Lisboa — Os «bailes das sopeiras» — O primeiro «cabaret» — A guerra — Em Paris, Madrid, Londres e Berlim — As «tournées dos Grandes Duques» — Os apaches, os pretos e os cossacos — O português do «Madrid»... em Bruxelas

a Humanidade. Nessa sua fobia do *hoje* (porque o *hoje* que êles querem compôr, como última palavra fede a bafio e tem séculos) carregam mais essa *catástrofe* nas contas — correntes com a civilização!

Mas *cabarets* e *dancings* são apenas *modernizações*, adaptadas ao estilo do gosto, aos recursos da época — de velhos divertimentos identicos... Antes da guerra — não havia, na Europa, o *cabaret* com *jazz-band*, jôgo de luzes, *papillons*, a tanguista, etc.; mas já havia o chá-dançante e o café-concôrto. O «Moulin Rouge» tem sessenta anos! O Baile do «Moulin de la Vilette» — vem do tempo da Mimi Pinson! Quando Napoleão era um tenente pelintra e a marechala Lefevre, era Madame «Sans-Gêne» — havia, num Paris que estava longe dum só milhão de habitantes, *duzentos e tal* bailes de várias categorias — os *cabarets* da época... Mas se já no século XV, em Roma, o aventureiro veneziano Poleri, de regresso de uma longa jornada a mundos ignorados do Oriente, onde sofrera todas as inclemências e torturas, e ansioso de se refazer pela alegria — perde todas as noites meia hora... «hesitant, au choix entre une vingtème de maisons nocturnes — ou les plus belles romaines, la musique, la follie par fois, la gaité, toujours — et les vins du Crosti...» etc. (Da biografia «Poleri, Venise et l'orient», de Poul Duc)!!! Já há quasi 500 anos — Roma, a cidade do Papa — possuía vinte *cabarets* — e tão sedutores, que Poleri, perdia meia hora, todas as noites, a eleger um... *Cabaret*... dentro dos recursos da época? Pudera! Tudo evoluciona...

No oriente — na Persia, na India, na China, no Japão — êsse género de diversão empastela-se no horizonte dos tempos. Os nipônicos — há quantos séculos *criam as geishas*, as *musmés*, como quem cultiva... legumes — para que a variedade das mulheres que devem animar as suas noites de alegria, de distração, de olvido — seja constante? E o que são



as *casas de chá*... nocturno de Tóquio de Yokoama, de Osaka? E o que são certos templos hindus, onde os indivíduos, aparentando um sunambulismo místico, balburdeiam em orgias que duram noites, cercados pelas *bayaderas*?

Em Portugal... Em Portugal, neste terreno como em tudo... o *cabaret* e o *dancing*, espartilhavam-se, mascaravam-se — eram as *Assembleias*, os *Palheiros*, em que *êles*, por falta de outro par e de outro *local* — aceitavam, à romântica, as burguezinhas cujos corações punham em curto-circuito — *à la minute* — e que, nos voos da valsa, no contacto, sempre proibido — e então consentido — com um indivíduo de sexo diferente, quebravam com as fantasias os gradeados do convento em que viviam para terem a ilusão que eram... *papillons* — embora, nessa época, êsse vocábulo francês não tivesse o significado que lhe deram quasi um século depois.

Antes da guerra — havia... *uns bailes*, já a esboçarem o *cabaret*, mas em linhas caricaturais e grosseiríssimas. Eram os chamados *bailes das sopeiras*. Nessa altura para os romeus lisboetas, portuenses, etc. — a Julieta predilecta era... a *heroína dêsse baile* — criada de servir, mas ao natural e em folga, ao domingo, de avental, suor — e o retrato do *guita* na mala! E não julguem que eram os guitais, os criados, os caixeirinhos modestos que frequentavam êsses... *preambulares cabarets*! Não! Era a *jeuneuse doré* de antes de 1914! Houve uma tentativa de modernização! Um baile, nos *Restauradores* — já com frequência diferente... Havia também uns clubs — os *Patos*, os *Macavencos*, sempre com o ar de *societade* — a disfarçar, embora nalguns se jogasse e se pandegadesse...

Vem a guerra. Montou-se o *Palace* — a sério, à europeia — mas ainda sob o título de *Club*. Modificam-se os costumes e hábitos. Os burgueses de então tornaram-se *bromwells*. Havia uma multidão cosmopolita em Lisboa

— que enchia o *Palace* — na Rua Eugénio dos Santos — onde hoje está a Associação Comercial. O êxito animou mil empresários. Fundaram-se o *Maxims*, o *Monumental*, o Mayer — em chic; vieram os mais modestos, sem tanto capital — o *Redondo*, o *Sporting*, o *Brasil*, etc., etc... A certa altura (1917) havia em Lisboa 12 de primeira e segunda — e quasi quarenta de outras categorias! Havia tal ambiente que um *entusiasta* — Mário Ribeiro — cercado-se de artistas, escritores, jornalistas — transformou o *Bristol Club* num cenáculo helénico, recheado de quadros bem assinados (António Soares, Viana, Almada Negreiros, etc.) e queimando 10.000 contos na metamorfose — esquecendo que estava em Lisboa e não em Paris ou Bruxelas ou Chicago!

Do «Rank» ao «Bar»

O cabaret, no seu estilo moderno — é americano. Nasceu dos *Ranks*. O *Rank* era uma sala onde se bebia, jogava, bailava no século passado e que, quando se improvisavam as cidades na América do Norte, quando Filadélfia tinha três ruas e Boston doze, eram montados simultaneamente a sede do *sheriff*, o tribunal, a igreja e a prisão. E lá iam todos os habitantes, à noite, maridos, mulheres, filhos, sogros, pais — beber, dançar, jogar — esquecerem por umas horas — a ardua tarefa do dia!

Na Europa, antes da guerra, quem entestava o assunto e estabelecia modelos — era Paris. Durante muitos anos — Montmartre e Montparnasse deu cartas. Vinham de todos os extremos do mundo — para conhecer essas lourdes pagãs! Em 1910, inventou-se a dança *apache* — como o *apache* fôra inventado, em 1830 por um escritor! Era então moda ir às tabernas subterrâneas, baiucas sórdidas, êles de casaca, elas de *toilette* de gala — assistir à valsa desengonçada dum bandido & C.^o — feminina... — cercados por indivíduos de caras patibulares, que pareciam mirar-se no aço da guilhotina... Chamava-se a isso — *la tournée des Grads-Duques*. Eram sobretudo os russos que frequentavam essas espeluncas, após jantares baltazianos nos grandes hotéis dos Campos Elisios. Um dia descobriu-se — que dançarinos, apaches, gigolettes, assassinos, facínoras, tôda a figuração que atraía os russos — era composta... de gente honesta, a maioria actores e atrizes desempregados, alugados por empregários espertos — que tinham visto aquele filão para ganhar honradamente a vida — assim entrou em decadência a *tournée des Grands Ducs*. Mas veio a seguir o tango argentino... Inventaram-se mil *cabarets especialistas* de tangos. A guerra estragou o negócio em plena apoteose... Os americanos trouxeram o *jazz*, os negros, as suas danças selváticas e desengonçadas. Foi a loucura. E como em Paris se refugiavam centenas de milhares de moscovitas, fugidos ao bolxevismo — juntamen-

te com os *cabarets yankees*, surgiram os *cabarets russos* — emitação daqueles que superabundavam em Moscow, Varsóvia, Odessa, e, sobretudo, em Petrogrado, antes da queda do Czar (o «Coq-d'Or», o «Ermite», etc.). Era difficil dar dois passos na capital francesa sem se ver um cossaco, teatralmente vestido, servindo de porteiro a uma casa dessa ordem... Entrava-se... Havia a grande sala — e o *caveau*. O *caveau* — a cave cave — penumbra, discreta, íntima, a grande sala bulicçosa, espalhafatosa, estridente. Em ambas — uma orquestra. De dez em dez minutos, nos intervalos dos bailados dos fregueses — um número: a dança dos Cossacos, *jongleries* de punhais, etc. Por último reuniam-se os artistas da casa, homens e mulheres, trajados à russa — entoando em coro canções nostálgicas — não faltando nunca ao programa a do «Batilier du Volga» — depois internacionalizada.

Os *cabarets* estilo americano encheram o mundo, em 1918. Madrid e Londres foram as duas capitais que mais resistiram a essa invasão. Madrid mantinha-se fiel aos cafés-concertos, as «casas andaluzas», com danças e bailados regionais, e às verbenas. Dispensava essas inovações. Os ingleses esquivavam-se pelo seu feito austero — mas — iam para Paris, e em Paris passavam a vida nos *dancings*. Quem inaugurou o *cabaret* moderno na capital espanhola foi um brasileiro — o bailarino Duque, que Lisboa conhece há muitos anos. Fundou o *Ideal Room*, em Alcalá. Recorda-nos êle dizer uma vez: «— Fui eu quem ensinou esta gente a beber champagne e a divertir-se com... civilização!» Depois — surgiam por todos os cantos — *cabarets* no estilo do «Ideal Room»... Em 1922 — havia 50. Mas Barcelona bateu o *record!* Só na imensa Calle Marquez del Duero (Paralelo) havia cento e tal! O estilo russo também se universalizou! Em Berlim, em Viena, em Haya, por tôda a parte — surgiam aos olhos dos visitantes... *cossacos teatraes* — à porta dos *cabarets*. Ainda hoje existem três — em Madrid...

Londres só em 1925 transigiu com o *cabaret*. E o pior é que lhe tomou o gosto. Uma estatística garante existirem duzentos na capital do império. É talvez, hoje, a única cidade europeia onde esse negócio prospera. Mas o mais interessante é que, em tôda a parte, o *cabaret* é encarado sob um aspecto diferente do que em Portugal. Aqui — é um antro de libertinos, de devassos, de

perdição. Lá fora — é um espectáculo como outro qualquer — onde vão passar as noites, famílias inteiras — com os velhos inclusive. E os velhos, à segunda taça de champagne também bailam!

Mas a crise tudo atingiu — até o *cabaret*; além disso — o *cabaret*, mesmo sem a crise estava decadente. É preciso variar. Agora a moda é o *bar* — não o *bar* como nós começamos a conhecer no nosso país — género daquele que já existe há 30 anos — mas como o *Tuward*, na Place Balnche — que se inaugurou há oito meses e tem bicha de autos à porta.

Para se ter uma visão da decadência do *cabaret* basta dizer que, só no ano de 1934, fecharam 120, em Paris, 40 em Berlim, 20 em Viena, etc. E em Lisboa — é aquilo que nós sabemos. Autenticamente *cabarets* existem dois ou três.

Um português que lançou o «cabaret» na Bélgica

Em 1920, conhecemos, em Paris, apresentado pelo seu primo, o Dr. Costa Pinto — então director do «Comptoir Franco-Portugais» (42 Bd. des Capucines), um jovem compatriota digno de registro no nosso album de *Alpedrinhas*. Chamava-se José Barbosa.

Fôra para a Bélgica, com o pai e o irmão mais novo, para cursar qualquer escola, antes de 1914. Estala a guerra. Impossibilidades de abalar do território ocupado pelos alemães! Dificuldades de receberem as mesadas! Como não eramos ainda um país beligerante — deixa-os à vontade. José Barbosa, prisioneiro das fronteiras e ameaçado de miséria — projecta um negócio: um *cabaret*. Êle jamais vira um *cabaret* — mas idealizou-o à sua maneira. Vendeu joias, arranjou sócios, alugou um prédio, numa rua transversal, entre Rue Neuf e o actual Boulevard Adolph Marx. Três andares... O segredo do seu exito estava na porta. A porta parecia uma só — mas... havia ilusionismo. O porteiro observava os clientes — e conforme a sua categoria, assim *arranjava uma porta* — que desse para o rez-do-chão — 1.^o, 2.^o ou 3.^o andar. Cada andar variava de clientela e de preços.

Acartizou-o com o nome de «Cabaret Madrid»... Estava sempre cheio — sobre tudo de alemães! Quando Portugal entrou na guerra — era tal a consideração que os *boches* tinham — não por êle, mas pelo *cabaret* — que o deixaram em liberdade... condicional.

GERALDO SEM PAVOR.

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Telef. 2 5281 Lisboa
RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - Telef. 1248 - PORTO

Trevas e luz

O «X» entrevista Manuel Moreira

O cego matemático que pedia esmola e que, quasi sem estudos — pasma os homens de ciência...

Na intimidade do cego-sábio, — A taberna — A côrte plebeia, carinhosa e orgulhosa — que o cerca. — Experiências e revelações.



Um redactor do «X» falando com o cego prodígio

O meu amor-próprio jornalístico embadeira em arco! No passado número 17 do «X» publiquei uma reportagem sobre *As inteligências ignoradas que Portugal possui*.

Apontava casos, verdadeiramente espantosos, do mistério de certas almas, fadadas com estranhos dons, prodígios maravilhosos da Natureza — desde o cego escultor, no Minho, ao poeta analfabeto, do Algarve.

Essa desprezenciosa reportagem — digo-o sem vaidade — teve um consolador êxito.

Três dias depois da sua publicação o «Século» descobria o cego Manuel Moreira e apresentava-o, na primeira página, aos seus milhares de leitores.

Fui eu o dador involuntário dessa «caixa». A leitura do «X» na Sapataria Costa, á Estrêla, sugeriu ao seu proprietário, o «caso» do Manuel Moreira e como pessoa relacionada que é, fácil lhe foi transformar em publicidade, a maravilha mental do pobre cego, que vendia cautelas.

Eis a razão porque o amor-próprio jornalístico embadeira em arco.

Uma surpreendente demonstração

Quiz certificar-me, do que se dizia sobre o Manuel Moreira, para juntar mais um «caso», aos tantos que já tenho e abalei em sua busca até á Travessa Possidónio da Silva, a 2 passos do Cemitério dos Prazeres.

Cabe aqui confessar que ia mais por um dever que por credulidade.

Fui encontrá-lo no João da Ermida, uma taberna decente, com retiro ao ar livre, entre alguns operários e gente do mar.

Disseram-lhe que estava ali alguém para lhe falar e trouxeram-no ao meu encontro. Abriam-se-lhe as faces num sorriso de cego, de cego resignado, e prontamente, procurando a minha mão, começa a interrogar-me — invertendo os termos á entrevista:

— «Vocemecê é dos jornais?»

Disse-lhe que sim e tanto bastou para uma série de conceitos humorísticos — de humorismo são e bem intencionado, note-se — sobre os homens que escrevem e estiolam a sua vida na chama palpitante do jornalismo.

Preguntamos-lhe então:

— «Quantos anos tem vocemecê?»

— «37, meu senhor.»

— «Onde nasceu?»

— «Na freguesia de S. Cosme, concelho de Gondomar.»

E um rompante de voz e sorriso franco, atalhando o massacre inevitável das perguntas:

— «Mas... deixe-se disso agora e... vamos lá ás contas. *Trá-las* feitas de casa? *Trá-las*?»

Dissemos-lhe que sim, surpreendidos pela ingenuidade e «sem-cerimónia» das suas palavras. E puchamos do papel onde levamos hora e meia a fazer operações aritméticas. Ao acaso escolhemos a primeira:

Era multiplicar 52034259102 por 12343212.

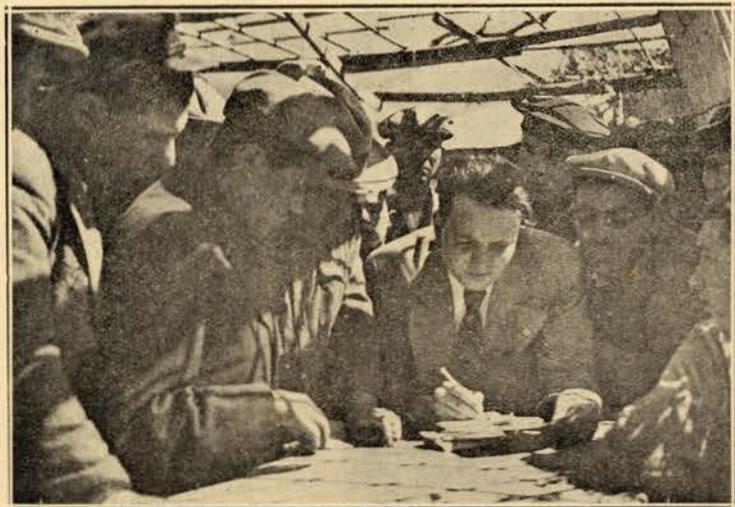
Lemos-lhe o numerando e o numerador, a única vez e tanto bastou para que êle os repetisse imediatamente, sem uma vacilação — e note-se que são 11 algarismos a multiplicar por 8.

Fez-se á nossa volta um silêncio absoluto. Apenas o pobre cego, muito baixo, mas de maneira perceptível, ia fazendo mentalmente a conta, da mesma forma com que nós a fariamos num quadro preto, multiplicando número por número — o que prova não haver um processo occulto, ou algum «truc» apenas dêle conhecido. Eu não tinha o resultado decorado mas conservava a conta religiosamente guardada no meu bolso. Pois passados 4 minutos, rigorosamente cronometrados, Manuel Moreira, dá-nos o resultado, absolutamente certo.

Fiquei sinceramente admirado, mas o meu espanto atingiu o máximo quando êle me repetiu tôdas as parcelas da operação, em minúcias fantásticas e desconcertantes.

Dei-lhe então uma soma mais pequena e menos complicada. Em menos de um minuto tinha o resultado rigoroso e a prova dos 9. Com as contas de diminuir e de dividir os resultados são ainda mais fulminantes e fazem-nos quedar extasiados, ante a maior maravilha mental, até hoje conhecida.

Gago Coutinho — o sábio — classifica Manuel Moreira de «incontestavel»



O cego, de pé (à E.), o jornalista sentado ao fundo — e os companheiros do Manuel Moreira avidos e orgulhosos, espreitam os problemas que o cego resolveu...

(Continua na pág. 15)

As bruxas e os curandeiros das avenidas

(Continuação da pág. 5)

seguinte — estava em ponto de rebaçado... Caiu em transe, deu dados certos sobre a vida daquela família — garantindo, nos intervalos (esta *medium* dá intervalos a meio do transe, como o teatro, a meio da comédia) que era a alma do filho morto que se embainhava no seu envolvero carnal. Era portanto o filho que lhe falava! Que se calcule o alvoroço da pobre senhora... Mas eis que o filho exige que ela, além do preço da... consulta — deixasse — porque precisava, lá por uns assuntos extra-terrestres, — a quantia de vinte escudos para a bruxa comprar tantas velas — que só deviam arder numa mesa que estava á sua frente! A pobre mãe, sentiu um pouco de alívio na sua dor! Falara com o filho! Ele falara-lhe! Logo que ponde — voltou para que elle a ouvisse e ela o escutasse! Estavam umas velas enfileiradas na tal mesa. «— Vê? perguntou a bruxa. — São ainda as velas que o seu filho pediu!» Fimda a consulta — alguém lhe veio dizer algo, cochichando, ao ouvido. Indagou então se a cliente entrara acompanhada... Que sim! Com uma jovem vizinha... Quem era? Como se chamava? Era casada? E após um interrogatório de dez minutos — diz-lhe: «— Sinto o palpito que tenho algo para transmitir á sua amiguinha... Convido-a a entrar, deixe-me só com ela — que eu não lhe levo um centavo pela consulta... A amiguinha, rapariga nova, viva, astuta, pouco inclinada a credencias desta ordem — cedeu — apenas pela curiosidade de devassar aquele mistério... (?) Começou a bruxa a tentar estonteá-la, pasmá-la, impressioná-la, repetindo todas as intimidades da sua vida — insinuando que era *alguém* que lhe transmitia aquelas informações através os espaços desconhecidos. A jovem vizinha, só sofreu um minuto de surpresa! Concluiu logo que todos aqueles dados — todos certos aliás — tinham sido hábilmente arrancados á velha amiga que acompanhara! Depois desta cena — feita com o objectivo de *criar mais uma cliente* — começou novo interrogatório desta vez procurando arrancar da *jovem* — informações sobre a *velha* (sobre a família, sobre o falecido filho, etc) para a atontar na próxima visita e prendê-la mais ainda á credencie.

A jovem, ao saírem, tentou convencer a idosa amiga de que se tratava apenas dum charlatanismo astucioso; mas a ilusão que a pobre mãe gozava, havia semanas, era demasiado doce e balsâmica — para ela abrir os olhos á razão!

Entretanto continuava a exploração das velas. A explorada senhora chegou a empenhar-se não só para pagar as *visitas* como para não faltar com a cera

— de que o filho dizia necessitar. E sempre que entrava no *gabinete* da bruxa — ela indicava a meza, repetindo: «Lá está a arder as velas que o seu filho quer... Mas só as quer aqui! Elle lá sabe!»

A tal jovem vizinha, irritada com a *escroquerie* cruel que estavam fazendo



**eu nunca
me empôo
em público**

Os homens detestam ver uma mulher a empoar constantemente o nariz. To-advia, há muitas que julgam não existir outro meio de impedir que a pele se torne brilhante e luzidia. — Eu notei, no entanto, que quando um bom pó está misturado com a «mousse de crème», aguenta-se todo o dia, apesar do vento, da chuva, ou mesmo dansando numa sala de baile aquecida.

Tornando-o aderente e invisível, a «mousse de crème» contida no *Pó Tokalon* faz d'êle também um maravilhoso tónico da pele — estimulando os tecidos e não obstruindo os poros. Agora, tenho sempre o rosto liso, claro, e delicado, o que as raparigas invejam e que todos os homens tanto admiram. O rapaz que recentemente me pediu em casamento disse que foram a minha pele e o meu rosto maravilhoso que o seduziram inteiramente.

Os Compactos Tokalon contêm agora a «mousse de crème». O *Pó* e o *Rouge* são ambos muito aderentes. Qualquer cousa de novo, de diferente e de melhor.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agência Tokalon (secção), 88 — Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

ao coração daquela senhora — pediu a uma outra amiga para lá ir, contando que perdera o pai e que queria comunicar com êle. *Reprise* das mesmas farsas — e exigência das mesmas velas. Combinam ir as duas no mesmo dia — entrando primeiro a que *ia falar com o pai* — e logo a seguir a que *ia falar com o filho*. Esta, ao sair — diz á outra: «Lá estavam a arder as velas que o meu filho pediu! Deixei mais vinte escudos para quando aquelas acabarem!» — E como a companheira soltara uma gargalhada — inquiriu — surpreendida: «— De que se ri?» — «Riu-me — explicou a outra — porque na visita anterior também ela, em «nome da alma de meu pai» pediu vinte escudos para velas — e quando eu saí — um segundo antes da senhora entrar — a bruxa, indicando as mesmas velas que depois indicou a si — declarou-me: «— Lá está a cera que o seu paisinho quer! Foram vinte escudos certos! Eu nestas coisas — nem um real... nem um real!»

É ridículo — mas é também — sobretudo — monstruoso — porque se trata de charlatães que, quando não brincam com a nossa vida, como curandeiros, fazem *jongleries* com a nossa alma — como bruxos!

Que miseráveis!

R. F.

Um segredo da Rua da Glória

(Continuação da pág. 6)

tável» prontificou-se a lhe pagar a conta e a arranjar-lhe uma colocação imediata — um emprêgo rendoso, no qual, durante um mês ela ganharia o suficiente para pagar tudo...

E... levou-a para uma... família, também respeitável, na Glória! Ela lá está — há um par de meses, vendo aumentar de dia para dia a sua divida «à casa» — áquela casa, onde eu a vi, tremendo, com febres, e amarfanhada pelo seu triste destino.

Foi esta a história que ella me contou, com os olhitos a brilharem muito e duas lágrimas a correrem mansas.

Saí com o Dr. A. de F... e despedi-me, para vir enquadrar sobre as folhas de papel, que tenho á minha frente, o segredo da rua da Glória — a história triste e real desta Maria da Graça — uma das mil Marias da desgraça. E é tão vulgar, em Lisboa, este sistema de perdição! Quantas como ella — quantas!

— GONÇALVES PRETO.



Trevas e luz

(Continuação da pág. 13)

mente superior» a Inaudi — o francez que foi em todo o mundo recebido como um autentico prodigio.

Passados os primeiros instantes de «desnorteamento» novamente o interroguei.

— «Há muitos anos que «vocemecê...?»

E ele adivinhando o final da pergunta:

— «Há dois para três — meu senhor.

O meu sobrinho mais novo andava na escola, ao ouvi-lo fazer contas — em voz alta — notei que os números me ficavam *na cabeça* e que com os meus conhecimentos, do primeiro grau da instrução primária, era capaz de resolver todas as operações, com mais rapidez que o meu sobrinho. E daí...

— «De que é que o sr. Manuel vive...?»

— «Em tempos vendi cautelas e algumas vezes a sorte grande. Mas roubaram-me muito... Os meus companheiros como eu era cego... Ultimamente, na Calçada da Estrêla, tinha umas pessoas bondosas que se apiedavam de mim».

Compreendemos e... reflectimos. Um homem invulgarmente dotado pela Na-

tureza, uma maravilha viva de memória e inteligência... precisava de caridade pública. Paradoxos... Paradoxos... Falámos muito ainda com o Manuel Moreira. Ouvimos a sua vida — recontada mil vezes — os esforços em que Gago Coutinho e o Engenheiro Cohen desejam realizar para que aquela espaçosa inteligência se enriqueça de ciência matemática.

O cego vai aprender a extração da raiz quadrada e da raiz cúbica e garantiu-nos que em pouco poderá, sem custo, resolver também essas difficilimas operações.

Já á porta da taberna, depois dum abraço, ocorreu-nos uma prova final:

— «E' capaz de repetir as contas de há bocado?»

E sem a mais pequena exitação, embora já tivesse decorrido uma hora e tal, Manuel Moreira, repete, com tôdas as minúcias desconcertantes, as operações que lhe havíamos levado para resolver.

Ficámos atônitos! E agora, ao escrever este artigo, já calmos e consciences, á memória ainda nos ocorre, o sorriso perpétuo do cego Manuel Moreira — um sorriso motejante, irónico, quasi

cínico — que tanto pode representar a sua «superioridade» pela nossa inferioridade, como a revolta intima e concentrada contra a Natureza que lhe inundou a alma de luz difusa, esquecendo-lhe a luz dos olhos — aquela que ele não tem, mas que — confessou — desejaría ter.

SILVA BASTOS

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobilia,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Provincia

Rua de Belem, 80-82

Telefone. Belem 237

LISBOA



As surpresas

DO

«X»

O Concurso das Dactilografas Portuguesas

Por absoluta falta de espaço só no próximo número começaremos a publicar as condições do nosso sensacional

Concurso das Dactilografas

Adega do



TELEF. 5273

Trav. da Rua das Flôres, 5 e 6

(EM FRENTE)

PORTO

SANEAMENTOS

Todo o ramo de Construção Civil

Para projectos e orçamentos, consultem:

Egídio Domingues Barbosa & Filhos

(Casa fundada em 1892)

Rua do Bomfim, 169 — PORTO

Telef. 4108

A LISBONENSE

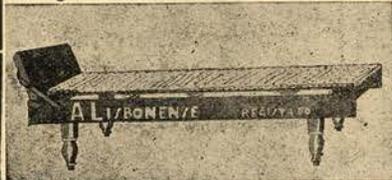
DE

António dos Prazeres Lança

Rua José António Serrano

(À Rua da Palma)

Fábrica de colchões de arame e divans com molas (exclusivo). Sortido variado de édredons e capas para divans em lindos tecidos e mais artigos. Pedir o nosso catálogo. — Confrontar nossos preços. Tel. 2 7741



FAIRBANKS-MORSE



7 lampadas, ondas de 11 a 560 metros garantido por um ano

BONUS DE 20%.

Telefone 44636

Aven. Alvares Cabral, 41—LISBOA

TELEFONE 2329

PORTO

Nestas oficinas encontra V. Ex.^a tudo quanto necessita no seu automóvel. Lavagens e lubrificações á pressão. Parafinação e grafitagem de molas. Pinturas á pistola. Trabalhos de chapeiro, casquinheiro, carroseries, estofador, etc., bem como todos os serviços de mecânica.

Estação de serviço

com aparelhagem da mais moderna

Rua Antero Quental,

483

—
PORTO

António Espiau

Compra e venda de bilhares

Reparações nos mesmos e pertences

Apreostos para bilhares, como para jogos de Xadrez, Damas, Dominó, etc.

Mezas de Jogo

Orçamentos para montagem de Centros, Clubes, etc.

Colocação de Panos

Tacos, Antas, Acessórios, etc.

Rua Fernandes Tomaz, 925-927

(Próximo á Trindade)

PORTO

RIBEIRO & COSTA

CONSTRUTORES CIVIS

Travessa do Bomjardim, 8 — PORTO

Telefone 1220

Encarregam-se de pintura lisa e decorativa — Tabuletas luminosas, etc.